

## OS BISPO DA PROVÍNCIA ECLESIAÍSTICA PAULISTA E O PROTESTANTISMO DE MISSÃO

*Nainôra Maria Barbosa de Freitas\**

### RESUMO

Este texto analisa alguns aspectos da ação dos bispos da Província Eclesiástica Paulista diante do que a hierarquia da Igreja católica considerava como uma ameaça: o avanço do protestantismo e suas diferentes denominações. As primeiras décadas do século XX, após a separação do Estado com a Igreja, a liberdade de culto permitiu a inserção cada vez maior dos protestantes sob protestos da Igreja católica.

**Palavras chave:** São Paulo. Bispos. Igreja Católica. Protestantismo de Missão.

### ABSTRACT

This text analyzes some aspects of the action of the bishops of the Ecclesiastical Province of São Paulo before what the hierarchy of the Catholic Church considered as a threat: the advance of Protestantism and its different denominations. The first decades of the twentieth century, after the separation of the State from the Church, freedom of worship allowed the insertion of Protestants under increasing protest by the Catholic Church.

**Keywords:** St. Paul. Bishops. Catholic Church. Mission Protestantism.

### A IGREJA CATÓLICA PAULISTA E OS PROTESTANTES

Este texto analisa alguns aspectos da ação dos Bispos referente aos protestantes nas primeiras décadas do século XX, na Província Eclesiástica de São Paulo, que foi criada em 6 de junho de 1908, com a Bula Pontifícia “Diocesium Nimiam

---

\* Licenciada, mestre e doutora em História. Professora de História da Igreja no Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto – SP e no Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto SP.

Amplitudinem”, do Papa Pio X, com território desmembrado da então diocese de São Paulo e marcava para a Igreja um tempo novo com cinco novas dioceses no interior do Estado.

A reflexão a respeito dos 500 anos da Reforma Protestante nos permite analisar no Brasil outros aspectos na relação entre os católicos, religião de culto oficial por séculos e praticada por uma grande maioria da população e os protestantes, religião de imigração cuja presença no país é mais recente quando comparada ao catolicismo. Este perfil traz representações que marcam o cotidiano, no campo teológico, espiritual, político, econômico, social, cultural, das práticas religiosas, com os respectivos simbolismos, imbuídas de desconhecimento, tolerância e intolerância de ambas as partes.

Quantas mudanças a Reforma protestante não provocou em distintos aspectos da vida cotidiana da Europa e a chegada dos protestantes no Brasil em grande escala, a partir do século XIX trouxe transformações inevitáveis. Neste contexto que analisamos a ação dos bispos na Província Eclesiástica de São Paulo em relação aos protestantes.

A diocese de São Paulo antes de ser desmembrada em 1908, possuía 233 paróquias, com 128 igrejas filiais e 570 oratórios públicos com 264 padres seculares, 26 ordens religiosas e congregações masculinas, com 48 casas e 229 sacerdotes e 161 irmãos leigos. Parece um bom número, mas quando consideramos que no final do século XIX e, início do século XX, o interior de São Paulo ganhou impulso e a população cresceu com a chegada de milhares de imigrantes este número era insuficiente para garantir um projeto de evangelização da população com uma presença ativa da Igreja.

No final do século XIX a leitura de muitos padres acerca da realidade pastoral e do protestantismo era errônea conforme Relatório abaixo identificado no Arquivo da Cúria de São Paulo.

[...] a pregação do Evangelho tornou-se assídua e o povo tem se esforçado em sustentar com todo o esplendor o culto público [...] O protestantismo pouco progresso tem feito nesta diocese. O culto da seita protestante não satisfaz o povo brasileiro, em geral muito devoto da Virgem Maria. O progresso do positivismo diminui. A maçonaria faz maiores progressos [...] (FONTOURA).



O relatório assinado pelo Conego Ezechias Galvão da Fontoura que, na ocasião, exercia o cargo de vigário capitular da diocese ao descrever a respeito do protestantismo apontava que a prática não avançava em São Paulo. A realidade era diferente, pois nas décadas seguintes, com a liberdade de culto introduzida na República, o culto protestante entrou pelo interior do país, estabelecendo escolas, distribuindo bíblias, organizando ações sociais com grupos de mulheres, entre outras atividades de assistência espiritual e material.

Os tempos demandavam uma atuação da Igreja e, esta havia deixado para trás o regime de Padroado em que, durante quase quatro séculos, o rei de Portugal e depois os imperadores no Brasil eram os administradores dos negócios eclesiásticos. Esta propositura de longa duração explica os sinais, ora benéficos, ora maléficos como afirma Braudel (1995, 21) das ações, que nem sempre representaram o projeto da Igreja, mas do Estado, seja durante o período colonial ou ainda no Império.

A Constituição imperial de 1824 abriu uma brecha para a entrada mesmo ainda incipiente de outras crenças, sem exteriorizar o culto. No artigo 5º. Dispõe que: *A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo*. Ela reconhecia no artigo 6º. como cidadão os estrangeiros naturalizados qualquer que fosse a religião. No artigo 179, afirma no parágrafo 5º. que: *“Ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado, e não ofenda a moral pública”* (Constituição, 1824).

Estes artigos abriram a possibilidade para que os estrangeiros professassem o culto de forma discreta sem exteriorizar, uma liberdade considerada parcial, uma vez que, o momento exigia que o governo imperial abrandasse a condição de prática religiosa para a permanência dos estrangeiros sem atrapalhar as relações econômicas com países protestantes, principalmente a aliada Inglaterra.

Como a religião oficial era a católica, toda a documentação era feita pela Igreja, não havia outros registros apenas os da Igreja para o nascimento com o batismo, para o casamento e óbito. Fora da Igreja não possuindo estes documentos os não católicos



não podiam exercer cargos públicos, pois sequer existiam perante o Estado. A necessidade de atender as relações de negócios com países como Inglaterra e Estados Unidos que eram protestantes proporcionou a brecha na lei, mas sem, contudo, integrar na sociedade que muitas vezes discriminava quem não pertencia ao rol do culto oficial.

Até mesmo o enterro de uma pessoa fora do catolicismo era complicado, por isso, o surgimento de cemitério dos ingleses, local que todos os não praticantes do catolicismo eram enterrados.

Na segunda metade do século XIX a entrada de milhares de imigrantes contribuiu para aumentar o número de protestantes no país, distribuídos principalmente no centro sul (COSTA, 1985). Outros fatores colaboraram para o avanço do protestantismo pelo interior do Brasil como a ferrovia e a crescente urbanização.

Inicialmente membros da hierarquia da Igreja não consideravam os protestantes como uma ameaça a hegemonia da Igreja católica conforme Relatório acima, mas muitos intuíaam que a liberdade de culto atrapalharia os planos da Igreja. Ao preparar a divisão da diocese D. Duarte Leopoldo e Silva, bispo de São Paulo apontava para o problema de formação do patrimônio da diocese de Ribeirão Preto e que os habitantes não quiseram contribuir para a formação do patrimônio. D. Duarte alertava para os perigos da presença, em todas as novas dioceses, dos espíritas e dos protestantes, estes, com os missionários procedentes da América do Norte, que mantinham a sociedade bíblica semeando o que o bispo considerava como a descrença (RELAZIONE, 1908).

Os relatórios dos cardeais membros da Secretaria de Estado do Vaticano consideraram junto com o núncio Júlio Tonti que a região de Ribeirão Preto era a terra dos malvados (RAPPORTO, 1908). Considerando que em todas as regiões da Província Eclesiástica Paulista encontramos pessoas que desconsideravam o projeto de criação de dioceses e não contribuíram financeiramente para a viabilidade do mesmo os malvados não estavam somente em Ribeirão Preto mas em todo o país, representados pelos protestantes, maçons, espíritas, livres pensadores, dentre outros membros da sociedade que alheios a Igreja católica buscavam outras experiências religiosas e intelectuais.

Mas, foi a República e o Decreto 119/A de sete de janeiro de 1890 que estabeleceu a separação entre o Estado e a Igreja, determinou a liberdade de culto, o casamento civil obrigatório, bem como a secularização dos cemitérios e da educação retirando das mãos da Igreja o controle de áreas até então em seu domínio e possibilitou o avanço do protestantismo no Brasil.

A hierarquia da Igreja católica aproveitou o momento para expandir a criação de paróquias e dioceses, tendo em vista que, até 1889 isto era prerrogativa do Estado, bem como a nomeação de sacerdotes e bispos para ocupar os cargos. Foi neste contexto que encontramos a divisão da diocese de São Paulo e a criação da Província Eclesiástica, bem como a presença da hierarquia da Igreja pelo interior num projeto de ocupação do espaço buscando limitar ou inibir a entrada de outras crenças.

A preocupação da hierarquia era grande em locais como a cidade de Americana em 1895 foi fundada a primeira Igreja Presbiteriana e primeira paróquia da cidade foi instalada cinco anos depois em 1900.

Em Ribeirão Preto, os Metodistas chegaram em 1896 e o colégio iniciou suas atividades em 1899 (ALMEIDA: 1998, 59). Em 1909, foi instalada a diocese de Ribeirão Preto e, quase vinte anos depois dos Metodistas, em 1918, as irmãs Salesianas iniciaram as atividades com o colégio Nossa Senhora Auxiliadora para meninas.

Neste contexto de ameaça a hegemonia da Igreja Católica o pesquisador Aquino ao estudar a diocese de Botucatu para o mesmo período identificou um processo que chamou de:

[...] diocesanização do catolicismo no Brasil, como parte de um movimento internacional de reorganização da ICAR, apresentou-se na condição de estratégia eclesial fundamental para ampliar a presença eclesial na sociedade brasileira, respondendo às demandas da Cúria Romana e às necessidades sociopolíticas e religiosas específicas de cada unidade federativa da República brasileira. A diocesanização indicou ainda a ambígua e tensa relação da ICAR com a modernidade, afinal, ela incorporou muitas de suas novidades científicas e tecnológicas, mas combateu as suas repercussões morais e religiosas[...] (AQUINO: 2012, p. 158/9).

A chegada dos bispos nas cidades de Campinas, Taubaté, São Carlos, Botucatu e Ribeirão Preto deu início a uma etapa da história da Igreja em que foram obrigados a “arregaçar as mangas” nas suas dioceses, para fazer frente à nova realidade criada, não só pela liberdade de culto e o conseqüente pluralismo religioso e cultural, mas também pelas próprias deficiências internas da estrutura eclesiástica herdada do regime do padroado régio.

Os Bispos que assumiram na Província Eclesiástica de São Paulo: Campinas – D. João Batista Correa Nery e Ribeirão Preto – D. Alberto José Gonçalves estudaram no Seminário de São Paulo; o de Botucatu - D. Lucio Antunes de Sousa e o de Taubaté – D. Epaminondas Nunes de Ávila e Silva são frutos do Seminário de Diamantina e somente D. José Marcondes Homem de Melo, Bispo de São Carlos, era procedente do Colégio Caraça em Minas Gerais, sendo que nenhum deles realizou estudos no exterior. A formação destes novos prelados esteve marcada pelos atritos que a Igreja viveu no final do Império com a chamada Questão religiosa. No seminário a vida destes jovens já era indício de quem seriam seus padrinhos e da suposta carreira que poderiam desenvolver no seio da Igreja (MICELI: 1988, 109-122).

Os escolhidos pela Santa Sé possuíam vínculos com a elite eclesiástica do país e organizaram as dioceses com novas paróquias, associações de leigos, construíram e reformaram templos, criaram pequenos jornais ou boletins informativos, realizaram visitas pastorais, deram regulamento às fábricas das matrizes, edificaram palácios episcopais, novas catedrais, colocaram em prática um plano de empreendimentos para a organização e renovação das estruturas das dioceses no campo espiritual e material.

Os Bispos das dioceses paulistas, assim como, de outras partes do Brasil, enfrentaram também o crescimento do espiritismo, da maçonaria e dos avanços da sociedade laica no campo do ensino, nas tentativas de instituir o divórcio pondo fim ao casamento tal como o concebia a Igreja. Estes e outros males foram relacionados na obra do pe. Desidério Deschand (1910) que traçou uma análise dos problemas da Igreja no Brasil no início do século XX. Para o padre Deschand a situação era complicada e se os católicos e o clero não se inteirassem das necessidades de mudança na condução da evangelização tudo se perdia.



As palavras de um padre do interior, o pároco da matriz de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Ribeirão Preto apontava que a sociedade estava aniquilada da religião por conta do que considerava os cancros da época numa paróquia: os divertimentos, o matrimônio civil sem o religioso, o indiferentismo religioso, a profanação dos domingos e dias santos (LIVRO de TOMBO).

O depoimento resume uma parte dos problemas da Igreja no começo do século XX. A estes poderíamos acrescentar outros como a presença da Maçonaria e outras associações de cunho liberal, positivista e anticlerical, bem como o avanço dos protestantes. Os protestantes chegavam com suas missões e estavam se instalando pelo interior do país, construindo seus templos e escolas, motivo de grande preocupação da Igreja que não podia impedi-los de fazer isso.

Quais práticas e suas representações que foram perpetradas por estes bispos no direcionamento e na tentativa de contenção do avanço do protestantismo?

Um dos pontos de destaque da vida destes bispos foi a prática da visita pastoral. Auxiliados muitas vezes pelas facilidades da ferrovia ou enfrentando as penosas estradas daquele tempo, os bispos dedicaram-se a percorrer as cidades e vilas com o objetivo de visitar as paróquias, verificar o andamento dos párocos e da administração paroquial, bem como instruir os fieis e administrar os sacramentos. Representava um estreitamento na relação com os párocos e com os membros da Igreja católica, entre o pastor e seu rebanho.

Esta estratégia permitiu também com que a hierarquia da Igreja ao se fazer presente no interior ocupasse um espaço muitas vezes distante nos séculos anteriores quando em poucas ocasiões os bispos visitavam as paróquias salvo exceções como o bispo de São Paulo D. Antônio Joaquim de Melo que, no século XIX fez um programa de visitas para a ampla diocese de São Paulo (WERNET:1987). Seguindo os passos dele D. Lino Deodato no final do século também visitou inúmeras cidades do interior.

Quando os bispos da Província Eclesiástica Paulista iniciaram as visitas, as ações pastorais se materializavam, contra as forças consideradas inimigas, como os protestantes em suas diferentes denominações; os espíritas e outras manifestações



que incomodavam a Igreja, visto que, avançaram cooptando os antigos fieis da Igreja católica.

As visitas pastorais fizeram parte do programa de D. Alberto José Gonçalves (FREITAS; 2006), de D. João Batista Correa Nery (BENCOSTTA; 1999), D. Epaminondas Ávila e Silva (CAMARA NETO: 2006), D. Lúcio Antunes de Souza (AQUINO: 2012). O controle absoluto das atividades religiosas deveria estar nas mãos da hierarquia da Igreja e coube aos bispos cuidar deste aspecto combatendo a secularização e mantendo uma vigilância com o clero que se estendia aos fieis.

Um dos principais problemas da Igreja estava manifestado no avanço do protestantismo que lançava seus tentáculos sobre a comunidade católica, por meio de abertura de templos e de escolas; divulgação da Bíblia e de outras publicações, bem como da presença em inúmeras obras sociais.

As atividades dos protestantes ameaçavam a hegemonia da Igreja católica que, já se encontrava fragilizada, desde antes da separação do Estado, diante da crescente secularização e laicização da sociedade brasileira, do avanço das novas ideias que excluía Deus e a prática religiosa principalmente entre as elites econômicas e intelectuais. Com esta perspectiva ficava para trás a identificação do catolicismo com a nacionalidade e [...] a hierarquia da Igreja tentava desacreditar os demais componentes do campo religioso brasileiro (ISAIA:2004, 137).

O crescimento de grupos ligados a Maçonaria, ao protestantismo, positivismo, ao ideário liberal e distintas ideologias, no Brasil e em outros países da América Latina, revelou que os membros desta elite moderna se distanciavam das tradições, dentre elas a de pertença a uma única crença, ou seja, o catolicismo (Bastian: 1990). Esta nova perspectiva abriu caminho para uma aproximação entre os simpatizantes e membros de associações livres, dos protestantes e maçons

A respeito dessa afirmativa o pesquisador Bastian nos conta: [...] és cierto que muchos misioneros protestantes - no sólo presbiterianos, sino también metodistas y bautistas – buscaron la ayuda de los francmasones para perpetrar em esta sociedade [...] (BASTIAN: 1990, 23). A divulgação das novas ideias sejam elas religiosas ou não, encontrou campo aberto com a liberdade de culto introduzida na República.





A ordem e o progresso estampado na bandeira brasileira transmitiam uma ideia do novo, que refutava a tradição católica. Neste contexto, o avanço do protestantismo que ocorreu concomitante ao crescimento das cidades no interior de São Paulo foi inevitável. O protestantismo aos poucos foi se inserindo pelas cidades brasileiras: [...] introduziu um tipo de agente religioso nesse mercado, munido de um capital simbólico diferenciado, oposto e complementar ao que o catolicismo estabelecera secularmente (SANTOS: 2004, 218)

## **2. ESCOLAS E PUBLICAÇÕES PROTESTANTES: A AMEAÇA CONCRETA**

Um dos incômodos sentidos pelos membros da Igreja católica foi a entrada de Bíblias e inúmeras publicações com a propaganda protestante. As Sociedades Bíblicas proporcionaram uma ampla difusão das Bíblias e de outros livros com uma facilidade de acesso que favorecia um despertar para a propagação do evangelho. O êxito dos agentes bíblicos pode ser explicado em parte por conta da carência de livros no país e a aquisição a preços módicos ou gratuitos que contribuíram para divulgar a doutrina protestante.

Os católicos não conseguiam competir com os protestantes pois, para eles, a Bíblia tinha uma circulação restrita entre o clero e sua leitura era mantida sob reserva. As editoras católicas estavam começando a se estabelecer no país e ainda era pequeno o alcance entre os fiéis das publicações católicas. O analfabetismo da população contribuiu para que esse avanço fosse limitado. A Igreja para desmoralizar as publicações protestantes afirmava que os folhetos eram historietas, que destilavam a capa da heresia.

Para difundir o catolicismo como em muitas localidades, foi publicado em Franca o jornal “Aviso da Franca”, cujo primeiro número saiu em 6 de janeiro de 1924, como órgão da União Católica da Mocidade Francana. O jornal idealizado pelos padres Agostinianos tinha por finalidade propagar a doutrina católica, orientar a juventude a viver de acordo com os bons costumes católicos. Uma de suas finalidades era combater o espiritismo e o protestantismo, o jornal criticou outros por serem anticatólicos e portanto, antipatrióticos. (Revista Enfoque ano2, n.13, Franca julho de 2002, p. 83. O jornal O Aviso da Franca, publicou em 8/06/1924, conclamando os



católicos a não fazerem assinaturas de jornais protestantes como O Rebate, de Uberaba MG, que foi denunciado na cidade.

Outra publicação proscrita era o órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil, o Boletim O Expositor Cristão, publicado em São Paulo e divulgado no interior. (BDRP: 1931, ano 2, n17).

Para elucidar este tema das publicações recorreremos ao bispo de Ribeirão Preto, Dom Alberto José Gonçalves que escreveu que em 20 de junho de 1921 lançou uma “Carta Pastoral sobre a propaganda protestante”, exortando os fieis católicos a respeito das Bíblias falsas que estavam sendo distribuídas em grande escala e que certamente eram procedentes dos Estados Unidos e da Inglaterra.

A ação da Igreja diante destas distribuições de Bíblias e contestando os Catálogos que chegavam por via postal foi incisiva, uma vez que não conseguia competir com as inúmeras publicações protestantes, ficava para a Igreja a tarefa de atacar a estratégia dos missionários protestantes alegando que constavam de “...historietas que, sob a capa de religiosas, distillam subitamente o veneno da heresia protestante, que tem por fim destruir a fé cathólica nas almas dos brasileiros”. (Carta Pastoral, 20/06/1921).

A preocupação do Bispo D. Alberto se justificava com o que ele entendia que por trás desta distribuição de Bíblias havia um premeditado processo de introdução ao “American Way of life”, uma protestantização da sociedade brasileira, o que não seria nada interessante, para os planos da Igreja Católica.

Incomodava a hierarquia da Igreja e não apenas ao bispo de Ribeirão Preto, as escolas fundadas pelos missionários protestantes no Brasil, com grandes verbas em dólares. D. Alberto questionava de como pode pregar o Evangelho alguém que discrimina em sua própria terra natal, negros e brancos, com escolas, cemitérios e até mesmo Igrejas separadas? O bispo acusava os EUA de dominar o mercado nacional e impor preços aos nossos produtos e conclamou os fiéis como Bispo e como patriota a denunciar a presença dos inimigos da pátria e da religião. No teor da Carta Pastoral ficou explícita a indignação para com os estadunidenses e suas missões, bem como, a distribuição de Bíblias e outros folhetos e livros de propaganda protestante.



A fala de D. Alberto é significativa, mas não é única neste momento, ela expressava as ideias que permeavam o pensamento da hierarquia da Igreja católica, revelando o medo da mesma em perder adeptos. As denúncias sobre os protestantes e seus missionários assumiam um caráter de verdades reveladas pela tradicional instituição que se intitulava como “a herdeira da sabedoria e da vontade de Deus”, portadora da mensagem divina, que naquele momento condenava a intromissão de um competidor importante: os protestantes.

A acusação aos missionários protestantes assumiu um aspecto político quando D. Alberto apelou para o patriotismo com o intuito de combater “os inimigos da pátria e da religião”, conseqüentemente pátria e religião podiam caminhar juntas quando necessário, mesmo em tempos de separação oficial Estado – Igreja.

Ficava claro o medo da Igreja de perder adeptos para uma nova crença no Brasil que se apresentava através da presença protestante. Os protestantes não eram a única ameaça, mas representavam uma constante e preocupante intimidação. A competição entre escolas católicas e protestantes no Brasil cresceu na primeira metade do século XX, com a consolidação de escolas protestantes como Mackenzie em São Paulo, a Metodista de Piracicaba, bem como os colégios espalhados pelo interior como o de Ribeirão Preto, Piracicaba, Birigui, Lins, entre outras cidades do interior de São Paulo.

Existiu um objetivo claro para estas escolas protestantes e dele nos fala Vasni de Almeida: “Nas escolas dirigidas pelas missionárias a principal missão seria a de libertar a sociedade brasileira (principalmente a mulher) das garras do analfabetismo e da superstição (ALMEIDA, 2007, p. 5)”.

Em Ribeirão Preto os membros da Câmara Municipal concederam privilégios de isenção de impostos de forma igual para católicos e protestantes.

Os pastores James Hamilton e Joiner, clérigos em Ribeirão Preto, defenderam em Petrópolis, durante a Conferência Anual da Igreja em junho de 1899, a necessidade de abertura de um Colégio em Ribeirão Preto (Almeida: 1998, 59) O Colégio foi aberto com grandes dificuldades em setembro de 1899, tendo inicialmente funcionado no salão onde os metodistas realizavam seu culto. A municipalidade também contribuiu com bolsas que ajudaram as professoras a manter o colégio aberto e “... *revelando*



*que o poder público local esteve aberto às propostas de ensino das norte-americanas”* (Almeida: 1998, 59).

O Pastor James Hamilton, procurador da Igreja Metodista de Ribeirão Preto, andou pela região de Franca realizando pregações, as primeiras ocorreram no distrito de São Jose da Bela Vista (Cinqüentenário da Igreja Metodista de Franca. Renascença, 1949) (onde o 1º. templo foi construído em 1909). A verificação destas pregações na região revelando a expansão dos metodistas (SILVA: 1998, 139).

Um novo pedido de isenção foi analisado na sessão da Câmara Municipal de Ribeirão Preto em 15/01/1909. Ocorreu um debate entre os vereadores Dr. Enéas Ferreira da Silva e o Sr. J. P. da Veiga Miranda. O Sr. Veiga Miranda foi contrário a esta isenção alegando que *“isentar delle aquela associação religiosa é um perigoso precedente, capaz de desfalcar em muito as rendas municipais”*. O sr. Enéas da Silva acreditava que se o culto católico havia recebido a isenção, porque não realizar o mesmo procedimento ao culto protestante. A questão para ele era que a Câmara não poderia privilegiar uma determinada religião, pois ia contra uma das maiores conquistas da República que era a liberdade de culto e que a diminuição do imposto não seria tão grande assim, sendo apenas da insignificante quantia de *“quatro mil e quinhentos réis ao ano do imposto de viação”*. Do embate travado entre os dois vereadores resultou vitorioso o Sr. Enéas, tendo o Sr. Veiga Miranda retirado seu parecer, abstendo-se de votar, quando os demais votaram favoráveis ao parecer que dava isenção também à Igreja Metodista.

A vitória do favorecimento aos protestantes neste embate deixa claro que os tempos republicanos eram outros, ficando para trás os privilégios somente dos católicos, os protestantes estavam na vanguarda de algumas mudanças operadas no final do século XIX, bem como durante as primeiras décadas da República.

Na diocese de Campinas assumida por D. João Baptista C. Nery a presença protestante na cidade e região é bem anterior a de Ribeirão Preto. Em 1873 foi fundado o Colégio Internacional ligado aos Presbiterianos um dos pioneiros no Brasil, passou por dificuldades por conta da febre amarela em Campinas. A respeito do ensino religioso católico e protestante o historiador Marcus A. L. Bencostta e Maria Iza



Gerth da Cunha (2008) apontaram questões referentes ao ensino religioso católico e protestante.

Outro pesquisador que aborda para a região de Campinas a romanização na Igreja católica e analisa a inserção do protestantismo na região é a tese de Pedro Rigolo Filho (2006) identificando como para D. João B. Nery não passou despercebido a presença dos protestantes e buscou formas de inserção visando ampliar a presença da Igreja Católica.

Com a morte do primeiro bispo D. João B. Nery assumiu em 1920 D. Francisco de Campos Barreto que escreveu o livro *A Igreja Católica e o protestantismo perante a Bíblia* abordando abertamente a questão da relação entre os participantes das duas crenças.

Nas outras cidades da Província Eclesiástica Paulista a presença protestante também antecedeu a chegada dos bispos, inclusive com escolas destinadas a atender uma nova elite mais ligada as novas ideias de modernidade. Em Botucatu, conforme aponta o historiador Felipe Aquino (2011), a criação da diocese passou por oposição de grupos anticatólicos e presbiterianos. O líder da comissão preparatória da criação da diocese Padre Paschoal Ferrari foi hostilizado, mas seguiu com os trabalhos e com a chegada de D. Lucio Antunes ficou explícita a precária situação financeira da nova diocese, bem como da presença de forças externas contrárias ao bispo.

As representações simbólicas de poder da Igreja católica dirigidas em meio as manifestações de uma sociedade mais liberal e moderna em muitos locais pelas forças contrárias a Igreja fica aparente nos artigos que mostram as disputas entre católicos e protestantes na diocese de Taubaté. Os jornais da localidade retratam no começo do século XX inúmeras acusações de ambos os lados num embate em que ambos os lados afirmavam estar corretos. Os jornais refletiam a intolerância religiosa em Taubaté associada a disputa de poder político na cidade.

Ao fazer referências ao 1º. bispo de Taubaté, D. Epaminondas N. de Ávila e Silva, o pesquisador Câmara Neto afirma que o bispo precisava se posicionar diante da realidade encontrada na diocese: [...] a ação do bispo deverá ser entendida pelo seu



clero [...] daí a necessidade de um jornal combativo, para divulgação do projeto e para depreciação dos protestantes [...] (Câmara Neto: 2006, p. 114).

Em meio a estas manifestações envolvendo publicações de católicos e protestantes a adesão ao protestantismo assombrava a Igreja.

A primeira delas muito conhecida pela literatura foi a conversão do padre de Brotas José Mateus da Conceição, na segunda metade do século XIX e que levou com ele muitos dos antigos paroquianos deixando perplexa a hierarquia da Igreja católica (MENDONÇA: 2008). Décadas depois um outro episódio chama a atenção na diocese de Ribeirão Preto.

D. Alberto enviou em 23 de setembro de 1912 uma Carta aos diocesanos com o título “Sobre apostasia de sacerdotes”. Nela o bispo explica o caso de abandono de batina por parte de dois sacerdotes e as implicações do caso perante a Igreja e os fiéis. O nome dos sacerdotes não aparece na Carta, mas tudo indica que, um dos dois padres mencionados pelo Bispo era o padre Jonas Lopes do Prado, da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Altinópolis que deixou o sacerdócio em 1912, para casar-se com uma moça protestante. Aos olhos da Igreja, o pecado do padre era duplo, além de deixar o ministério, debandou-se para o lado dos inimigos.

A Igreja presbiteriana de Altinópolis estava localizada bem próxima da matriz de Nossa Senhora da Piedade na mesma praça onde o padre residia e exercia o paroquiato. O padre Jonas Lopes do Prado escreveu para d. Alberto comunicando que deixava a carreira eclesiástica e em seguida casou-se com Jóia Battella, em quinze de abril de mil novecentos e quatorze. Na certidão do casamento, consta que Jonas Lopes do Prado exercia o cargo de professor, conforme registro no Livro B-003, folhas 122F, número 17, do Cartório de Registro Civil da cidade de Altinópolis que naquela ocasião ainda era distrito de Batatais com o nome de Mato Grosso de Batatais.

Um padre deixando o ministério no começo do século passado era um escândalo sem precedentes e neste caso maior afronta ainda para a Igreja que instruiu os fiéis [...] não há razão para que fique abalada a vossa fé com estes casos e outros que



porventura se derem posteriormente [...] (GONÇALVES: 1912). Era a tentativa desesperada do bispo de reverter a situação amenizando o caso.

Desgostoso com a deserção, D. Alberto, escreveu esclareceu os fiéis na “Carta”, sem identificar os sacerdotes, como náufragos, infiéis ao sacramento da ordem.

Enquanto a Igreja combatia a secularização da sociedade, a entrada livre de novas crenças, o Bispo viu sair de seu rebanho um prelado “[...] vítima de uma paixão violenta que o cegue, a qual não soube fugir ou resistir [...]”. Situações como essa de deserção de sacerdotes não constituía caso raro, mas seguido do casamento civil com uma protestante representava aos olhos da Igreja um caso de desserviço, contratestemunho e afronta aos sagrados princípios de dois sacramentos o da ordem e do matrimônio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A entrada dos bispos no interior de São Paulo contribuiu para a tentativa da Igreja de barrar uma maior inserção dos protestantes no cotidiano das cidades. As transformações que o país passava no final do século XIX com o avanço da urbanização, a entrada da ferrovia e a chegada de milhares de imigrantes, forneceu elementos indispensáveis para que diferentes denominações protestantes e seus pastores ampliassem a presença no seio da sociedade por meio da fundação de templos e escolas. A precariedade da presença do Estado no campo educacional colaborou para que nesta brecha os protestantes estabelecessem suas escolas que representavam princípios de modernidade e liberalismo. A ideia de modernidade associada ao protestantismo e suas práticas educacionais passaram a ser vistas como aliadas das classes urbanas médias e dos intelectuais que fugiam do padrão estabelecido pela Igreja católica. Ao lado dos templos e das escolas protestantes funcionavam as associações caritativas e de assistencialismo.

O Brasil das primeiras décadas do século XX era um país de analfabetos, mas as editoras protestantes continuaram a se estabelecer e ampliaram a distribuição de Bíblias e outras publicações a preços módicos ou gratuitas atingindo cada vez mais a população urbana e letrada.



A estratégia das visitas pastorais dos bispos nas cidades, a ação pontual dos mesmos perante o clero, preocupando-se com a formação, elaborando retiros anuais na tentativa de instruir e disciplinar o clero, mais vigilantes dos “múnus” sacerdotal. A Igreja buscou uma aproximação maior do Bispo diante do povo, por meio da administração da crisma nas visitas pastorais e este incentivou para instalação de escolas católicas, associações caritativas como a Sociedade de São Vicente de Paula, apoio para a implantação de novas associações laicas dirigidas pelos padres o que, entre outros fatores, contribuiu para que a Igreja continuasse em muitas localidades a ser o ponto principal de referência para a população.

Tristes tempos em que a Igreja considerava os protestantes como inimigos e lutou para atenuar ou retardar o avanço do protestantismo por meio da ação de seus bispos e do clero no interior de São Paulo. O protestantismo continuou durante muitas décadas a ser visto no seio da Igreja católica como algo procedente do demônio, do mal, por isso, os católicos deveriam não só ficar bem longe, como também queimar papéis e outros objetos referentes ao mesmo. Apesar de todas as recomendações da Igreja, da vigilância através de regras e exortações, o avanço foi inevitável e os Bispos não impediram em suas comunidades a crescente secularização do Estado e da sociedade, mas auxiliaram a desenvolver uma atuação maior da Igreja em muitos aspectos da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. de. Metodismo e Educação: a formação do tecido social no interior paulista. IN: *História Revista: Goiânia*, v.12, n.1, p. 141-165, 2007.

ALMEIDA, V. de. Ensinar e converter: A Ação Educacional Metodista em Ribeirão Preto, 1899-1950. In: *Estudos de História*, Franca, v.5, n. 1, p. 57-70, 1998.

AQUINO, M. de. Romanização, historiografia e tensões sociais: o catolicismo em Botucatu SP (1909-1923). XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das religiões. Goiânia, 2009. In: [http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art\\_AQUINO\\_romaniza%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/01/art_AQUINO_romaniza%C3%A7%C3%A3o.pdf), acesso em 10 de julho de 2017.

AQUINO, F. *Modernidade Republicana e Diocesanização do Catolicismo no Brasil: a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1890-1923)*. (tese). Assis, Universidade Estadual Paulista, 2012.





BASTIAN, J. P. *Protestantes, liberais y francmasones*. Sociedad de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX. México: Fondo de Cultura Económica/Cehila, 1990.

BENCONSTTA, M. A. L. *Igreja e Poder em São Paulo: D. João Batista Corrêa Nery e a Romanização do Catolicismo Brasileiro (1908-1920)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas. São Paulo, 1999.

BENCOSTTA, M A. L. & CUNHA, M. I. G. da. Educação feminina católica e educação masculina protestante no Brasil do século XIX: fragmentos de uma história institucional e cultural. In: *Educação & Linguagem* • Ano 11 • N. 18 • 25-43, Jul/Dez. 2008.

BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. O jogo das trocas. Trad. Telma Costa. 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CÂMARA NETO, I. de A. *A Ação Romanizadora e a Luta pelo Cofre: D. Epaminondas primeiro bispo de Taubaté (1909-1935)*. (tese) Universidade de São Paulo. Faculdade de Ciências Humanas. 2006.

COSTA, E. V. da. *Da Monarquia a República. Momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DESCHAND, D. *A situação actual da religião no Brazil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

FREITAS, N.M. B. de. *A criação da diocese de Ribeirão Preto e o governo do primeiro bispo: D. Alberto José Gonçalves*. Franca; UNESP, 2006. (tese)

FREITAS, N.M. B. de & MANOEL, I. A. *História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

ISAIA, A. In: FREITAS, N.M. B. de & MANOEL, I. A. *História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MENDONÇA, A.G. de. O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1

MICELI, S. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 109-122

SANTOS, L.de A. Dois caminhos: um Paradigma da Crença protestante no Brasil. In: FREITAS, N.M. B. de & MANOEL, I. A. *História das Religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

WERNET, A. *A Igreja paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987.

(Revista Enfoque ano2, n.13, Franca julho de 2002, p. 83.

## Documentos manuscritos e impressos

Arquivo Secreto do Vaticano – Vaticano



- RAPPORTO di Mons. Nunzio Del Brasile all' Emo Cardinal Segretario di Stato. Petrópolis 21 Gennaio 1908, p. 16/17. Vaticano. A.S. V. Fasc 141.

## 2. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo – São Paulo

- FONTOURA, E. G. da. Relatório. Documentos avulsos, armário 3.

- RELAZIONE Da Presentarsi Alla Nunziatura Apostólica Del Brasile Riguardo Al Progetto Della Creazione Di Nuove Diocesi Nelle Stato Di San Paolo. 14 Gennaio, 1908. p. 6-7.

## 3. Arquivo da Cúria Diocesana de Ribeirão Preto – Ribeirão Preto

- GONÇALVES, A. J. Carta do Bispo de Ribeirão Preto aos seus diocesanos. Sobre Apostasia de sacerdotes. In: Archivo da Diocese de Ribeirão Preto (1908-1918). Ribeirão Preto: Typografia Guimarães, 1918.

- BOLETIM DIOCESANO, Notícias: Ribeirão Preto, 1931, ano 2, n.17.

- 1º. Livro de Tombo de matriz De Nossa Senhora do Rosário, 1917-1950.

